

A conjuração dos imbecis

Texto publicado pelo jornal francês Libération em 7 de maio de 1997. Tradução de Juremir Machado da Silva.

AS DUAS SITUAÇÕES são uma tão crítica e insolúvel quanto a outra: a nulidade da arte contemporânea e a impotência do político face a Jean-Marie Le Pen¹. Situações que se intercambiam e resolvem por transfusão; a impotência em opor o que quer que seja de político a Le Pen desliza para o terreno da cultura e da Santa Aliança cultural. Apenas um pensamento reacionário e irracional, ou mesmo fascista, poderia pôr em xeque a arte contemporânea...

O que se pode opor a essa conjuração respeitosa de imbecis? Nada, infelizmente, pode corrigir esse mecanismo de perversão intelectual, dado que ele se inspira na má consciência e na impotência de nossas elites "democráticas" para resolver tanto o impasse da arte quanto o impasse político da luta contra a Frente Nacional. A solução mais simples consiste em confundir os dois problemas na mesma vituperação moralizante. A verdadeira questão torna-se então: não se pode mais "abrir", preferir o insólito, o insolente, o heterodoxo ou o paradoxal sem ser automaticamente considerado de extrema-direita (o que é, diga-se de passagem, uma homenagem à extrema-direita)? Por que tudo o que é moral, conforme e conformista, ou tradicionalmente de direita, tornou-se de esquerda?

Revisão dolorosa: antes, a direita encarnava os valores morais, e a esquerda, ao contrário, uma certa exigência histórica e política contraditória; hoje, a esquerda, despojada de toda energia política, tornou-se pura jurisdição moral, encarnação dos valores universais, campeã do reino da Virtude e defensora dos valores museais do Bem e do Verdadeiro; jurisdição que pode exigir prestação de contas de todo mundo sem ter de responder diante de ninguém. A ilusão política da esquerda, congelada durante vinte anos na oposição, revelou-se, com a chegada ao poder, portadora, não do sentido da História, mas de

Jean Baudrillard
Sociólogo

uma moral da História. Moral da Verdade, do Direito e da boa consciência — grau zero do político e, certamente mesmo, ponto mais baixo na genealogia da moral. Essa moralização dos valores equivale a uma derrota histórica da esquerda (e do pensamento). Mesmo a realidade, o princípio de realidade, converteu-se em artigo de fé. Questione-se a realidade de uma guerra; o julgamento não se faz esperar: traição à lei moral.

A esquerda está politicamente tão desencarnada quanto à direita. Onde foi parar o político? Eh, bem, do lado da extrema-direita. Como disse com pertinência Bruno Latour no *Monde*, o único discurso político na França, hoje, é o de Le Pen. Todos os outros são discursos morais e pedagógicos, discursos de alfabetizadores e de pregadores de sermão, de administradores e de programadores. Fadado ao mal e à imoralidade, Le Pen abocanha toda a perspectiva política, o saldo de tudo o que é esquecido, ou francamente rejeitado, pela política do bem e das Luzes. Quanto mais se endurece a coalizão moral contra ele — signo de impotência política — mais ele tira proveito político da imoralidade, de ser o único do lado do mal. Quando a direita colocou-se ao lado dos valores morais e da ordem estabelecida, a esquerda não hesitou, outrora, em desafiar esses mesmos valores morais em nome de valores políticos. Hoje, a esquerda é vítima do mesmo deslizamento, do mesmo despojamento: investida pela ordem moral, só pode ver cristalizar-se alhures a energia política repelida; e cristalizar-se contra ela.

Ao encarnar o reino da Virtude, que é também o da grande hipocrisia, a esquerda alimenta o Mal. Se Le Pen não existisse, seria preciso inventá-lo. É ele que nos libera de toda uma parte maléfica de nós mesmos, da quintessência do que há de pior em nós. Desse ponto de vista, deveríamos anatematizá-lo — mas se ele desaparecesse, pobres de nós, entregues a todos os nossos vírus racistas, sexistas, nacionalistas (o quinhão de todos) ou simplesmente à negatividade assassina do

ser social. Nisso, ele é o espelho da classe política, que exorciza nele os seus próprios males, como nós exorcizamos nela, na classe política, toda corrupção inerente ao funcionamento social. Mesma função corruptora, mesma função de catarse. Querer extirpar isso, querer purificar a sociedade e moralizar a vida pública, querer liquidar o que encarna o mal, demonstra o desconhecimento total dos mecanismos do mal e, portanto, da própria forma do político.

Os antilepenistas, apostando na denúncia unilateral e ignorando tudo da reversibilidade do mal, deixaram o monopólio deste a Le Pen, que goza assim, graças à sua exclusão, de uma posição inexpugnável. A classe política, ao estigmatizá-lo em nome da Virtude, assegura-lhe a posição mais confortável, bastando-lhe recolher toda a carga simbólica de ambivalência, de denegação do mal e de hipocrisia produzidas espontaneamente em seu benefício, como se fossem encomendadas por ele, seus adversários reclamando-se do bom lado e da boa causa. A energia de Le Pen vem dos seus próprios inimigos, que se apressam em canalizar os próprios erros em benefício dele. Ainda não compreenderam que o bem não resulta jamais de uma evicção do mal, que alcança sempre uma revanche explosiva, mas de um tratamento sutil do mal pelo mal.

Tudo isso para dizer que se Le Pen representa a encarnação da besteira e da nulidade — certamente esta é a dos outros, os que ao denunciá-lo denunciam a própria impotência e a própria besteira; ao mesmo tempo, transparece o absurdo de combatê-lo frontalmente, sem nada ter compreendido desse jogo de cadeiras diabólicas, alimentando assim os próprios fantasmas, o próprio duplo negativo, numa falta aterradora de lucidez. Quem comanda esse efeito perverso — estando a esquerda bloqueada na denúncia, enquanto Le Pen detém o monopólio da enunciação; um tirando todos os benefícios do crime, a outra, todos os efeitos negativos da recriminação; ele explodindo no mal, e a esquerda aferrando-se ao vitimal.

Uma verdade bastante simples: ao encurralar Le Pen num gueto, é a esquerda democrática que se encerra, que se designa como potência discriminatória e que se exila na sua obsessão. Ela dá automaticamente ao outro o privilégio da injustiça. E Le Pen não deixa de tirar conclusões em seu benefício dessa legalidade republicana, mas é sobretudo no prestígio ilegal, imaginário, mas muito profundo, do perseguido que ele se instala, tão bem que pode gozar ao mesmo tempo dos benefícios da legalidade e da ilegalidade. Desse ostracismo, extrai uma liberdade de expressão, uma insolência de julgamento que a esquerda não se permite. Exemplo desse pensamento mágico, simulacro, na atualidade de pensamento político, aparece na crítica a Le Pen pela exclusão dos imigrantes. Mas esta é apenas uma gota d'água no processo de exclusão social dominante em todos os níveis.²

Desse processo complexo e inextricável de responsabilidade coletiva, somos todos cúmplices e vítimas. É portanto tipicamente mágico conjurar esse vírus, que se dissemina por toda parte em função mesmo de nosso "progresso" social e técnico, exorcizar essa maldição da exclusão, e nossa impotência diante dela, num homem, numa instituição ou num grupo execráveis, quaisquer que sejam, um cancro que bastaria operar por ablação, quando na verdade as metástases já estão por tudo. A Frente Nacional apenas segue as vias rasgadas pelas metástases, com mais violência na medida em que cremos ter extirpado o abscesso e que os gérmenes se espalham por todo o organismo. Sem contar que essa projeção mágica sobre a FN abusa exatamente dos mesmos métodos desta em relação aos imigrantes. É preciso desconfiar dessa astúcia da contaminação que, pela simples transparência do mal, faz com que o positivo se transforme em vírus negativo, e a exigência de liberdade em "despotismo democrático". Sempre essa reversibilidade, essa espiral sutil do mal, da qual a inteligência racional não desconfia (enquanto toda a patologia moderna tanto nos ensina sobre o corpo físico, nada consideramos quanto ao

corpo social).

Devemos, para continuar na política, proteger-nos da ideologia e ver as coisas em termos de física social. Nossa sociedade democrática é a stase; Le Pen é a metástase. A sociedade global perece por causa da inércia e da imunodeficiência. Le Pen significa a transcrição visível desse estado viral, sua projeção espetacular. Como nos sonhos, representa a figuração burlesca, alucinatória, desse estado latente, dessa inércia silenciosa feita de integração forçada e de exclusão sistemática em doses iguais. A esperança, nesta sociedade, de reduzir as desigualdades sociais tendo-se (quase) definitivamente afastado, não há razão para surpreender-se ao ver o ressentimento deslocar-se para as desigualdades raciais. A falência do social produz o sucesso do racial (e de todas as formas de estratégias fatais). Nesse sentido, Le Pen é o único analisador selvagem da sociedade. Que ele seja a extrema-direita, é a triste conseqüência da inexistência desde de algum tempo de esquerda e de extrema-esquerda.

Certamente não seriam os juizes, nem os intelectuais, mas somente os imigrantes que estariam também em posição de analisadores, mas um certo pensamento correto apropriou-se amplamente deles. Le Pen é único que opera uma redução radical da distinção direita/esquerda — redução à revelia, certo, mas a crítica sem apelação feita nos anos 60, e em 68, infelizmente desapareceu da vida política. Ele recupera assim uma situação de fato que a classe política se recusa a enfrentar (ela faz mesmo tudo para apagá-la através das eleições), mas da qual será necessário um dia tirar as conseqüências extremas. Se um dia a imaginação política, a exigência e a vontade políticas tiverem uma oportunidade de repercutir será baseada na abolição dessa distinção fóssil que se auto-anulou e desautorizou ao longo das décadas e que só se sustenta pela cumplicidade na corrupção. Distinção apagada nos fatos, mas que, através de um revisionismo incurável, tenta-se obsessivamente ressuscitar, fazendo assim de

Le Pen o gerador da única nova ocorrência política. Como se todo mundo fosse cúmplice para levar ao naufrágio o que ainda resta da democracia, certamente para dar a ilusão retrospectiva de que ela de fato existiu.

Há uma possibilidade de tirar as consequências dessa situação extrema (mas original) que não seja através do médium alucinatório de Le Pen, isto é, de outra maneira que não por uma conjuração mágica na qual se esgotam todas as energias? Como não sucumbir a essa excrescência viral de nossos próprios demônios a não ser reconsiderando, para além da ordem moral e do revisionismo democrático, essa análise selvagem da qual Le Pen e a FN nos despojaram ?

Notas

- 1 [Líder da extrema-direita francesa e símbolo da negação do cosmopolitismo de uma nação que cultua a imagem de pátria da cultura e dos Direitos do Homem, N.T.].
- 2 A própria exclusão, ao mesmo tempo que a fratura social, foi excluída pelo decreto de dissolução da Assembléia [Baudrillard refere-se ao decreto do presidente Jacques Chirac que, neste ano, dissolveu a Assembléia francesa, determinando novas eleições legislativas e a formação de um novo Governo, N.T.].

